

cipios de justiça e de fraternidade na Terra e ás guerras dolorosas que assinalaram o fim da idade-medieval, registamos aqui, que, com as conquistas tenebrosas de Tamerlão e de Gengis Khan e com a queda de Constantinopla, em 1453, que ficou para sempre em poder dos turcos, verificava-se o término da época medieval. Uma nova-era ia nascer para a humanidade terrestre, com a assistencia contínua do Cristo, cujos olhos misericordiosos acompanham a evolução dos homens, das luzes eternas do Infinito.

XX

A RENASCENÇA DO MUNDO

Movimentos regeneradores.

Nos albores do seculo XIV, quando a idade medieval estava prestes a extinguir-se, grandes assembléias espirituais se reunem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações do Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova-era.

Todo esse esfôrço de regeneração efetuava-se sob o seu olhar misericordioso e compassivo, derramando da sua luz sobre todos os corações. Mensageiros devotados reencarnam-se no orbe, para desempenho de missões carinhosas e redentoras. Na peninsula iberica, sob a orientação da personalidade de Henrique de Sagres, incumbido de grandes e proveitosas realizações, fundam-se escolas de navegadores que se fazem ao grande oceano, em busca de terras desconhecidas. Numerosos precursores da Reforma surgem por toda a parte, combatendo os abusos de natureza religiosa. Antigos mestres de Atenas se corporificam na Italia, espalhando nos departamentos da pintura e da escultura as mais belas jóias do genio e do sentimento. A Inglaterra e a França preparam-se para a grande missão democratica que o Cristo lhes conferira. O comercio se desloca das aguas estreitas do Mediterrâ-

neo para as grandes correntes do Atlântico, procurando-se as estradas esquecidas para o Oriente. Jesus dirige essa renascença de todas as atividades humanas, definindo a posição dos vários países europeus e investindo, cada um deles, de determinada responsabilidade na estrutura da evolução coletiva do planeta. Para facilitar a obra extraordinária dessa imensa tarefa de renovação, os auxiliares do Divino Mestre conseguem ambientar na Europa antigas invenções e utilidades do Oriente, como a bússola para as experiências marítimas e o papel para a divulgação do pensamento.

Missão da América.

O Cristo localiza, então, na América as suas miseráveis esperanças. O século XV alvorece com a descoberta do continente novo, sem que os europeus, de modo geral compreendessem, na época, a importância de semelhante acontecimento. As riquezas fabulosas da Índia deslumbram o espírito aventureiro daquele tempo, e as testas coroadas do Velho Mundo não entenderam a significação moral do continente americano.

Os operários de Jesus, porém, abstraídos da crítica ou do aplauso do mundo, cumprem os seus grandes deveres junto às terras novas. Sob a determinação superior, organizam as linhas evolutivas das nacionalidades que aí teriam de florescer no porvir. Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os espíritos de boa vontade poderiam trabalhar pelo advento da paz e da fraternidade do futuro humano, e foi por isso que, laborando para os séculos por vindouros, definiram o papel de cada região no continente, localizando o cérebro da nova civilização no local onde hoje se alinham os Estados Unidos da América do Norte e o seu coração nas extensões de terra farta e acolhedora, onde florece o Brasil, na América do Sul. Os primeiros, guardam os poderes ma-

teriais e o segundo detêm as primícias dos poderes espirituais, com vistas à civilização planetária do porvir.

O plano invisível e a colonização do Novo Mundo.

Após a descoberta da América, um grande esforço de seleção espiritual foi levado a efeito no seio das lutas europeias, no sentido de se criar no Novo-Mundo um outro sentido de evolução.

Se os colonizadores da região americana, nos primeiros tempos, eram os degredados ou os proscritos das sociedades europeias, precisamos considerar que esses colonos não vinham tão somente das grandes capitais do antigo continente, na exclusiva observação do plano material. Do mundo invisível, igualmente, partiram caravanas inúmeras de almas de boa vontade, que se corporificaram nas terras novas, como filhos daqueles degredados, muitas vezes perseguidos pela iniquidade da justiça dos homens. A esses espíritos mais ou menos adiantados, aliaram-se numerosas entidades da Europa, cansadas das suas lutas inglorias de hegemonia e de ambição, buscando a redenção no esforço construtivo de uma nova pátria, em bases solidas da fraternidade e do amor, organizando-se desse modo, entre os povos americanos, códigos e sentimentos mais aperfeiçoados, dentro da compreensão da comunidade continental. Se reconhecemos na América a projeção espiritual da Europa, temos de convir que se trata de uma Europa mais sábia e mais experiente, não só quanto aos problemas da concordia internacional e da solidariedade humana, mas também em todas as questões que significam os verdadeiros bens da vida.

Apogeu da renascença.

Essa renascença, iniciada do Alto, projetando na Terra as suas claridades renovadoras em todas as dire-

gões, chegou ao seu auge, no plano material, em fins do seculo XV, até o seculo XVI.

A invenção da imprensa facultava o mais alto progresso no mundo das idéias, criando as mais belas expressões para a vida intelectual. A literatura apresenta uma vida nova e as artes atingem culminancias que a posteridade não poderia alcansar. Numerosos artífices da Grecia antiga, reencarnados na Italia, deixam traços indeléveis da sua passagem nos marmores preciosos. Ha mesmo, em todos os departamentos das atividades artísticas, um pronunciado sabor da vida grega, anterior ás disciplinas austeras do catolicismo na idade medieval, cujas regras, aliás, atingiam rigorosamente apenas quem não fôsse parte integrante do quadro das autoridades eclesiasticas.

Renaissance religiosa.

A essas atividades reformadoras, não poderia escapar a igreja, desviada do caminho cristão. O plano invisivel determina, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionarios, com o objetivo de levar a efecto a renascença da religião, de maneira a regenerar os seus relaxados centros de fôrça. E' assim que, no seculo XVI, aparecem as figuras veneraveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchton e outros vultos notaveis da Reforma, na Europa Central e nos Países-Baixos.

Por ocasião dos primeiros protestos contra o fausto desmedido dos principes da igreja, ocupava a cadeira pontifícia Leão X, cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espiritos sinceramente religiosos. Sob a sua direção, criara-se, em 1518, o célebre "Livro das Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitenciaria Apostolica", onde se encontrava estipulado o preço de absolvição para todos os pecados, para todos os adulterios, inclusive os crimes mais hediondos. Tais rebaixamentos da dignidade eclesiastica ambientaram as

pregações de Lutero e de seus companheiros de apostolado. De nada valeram as perseguições e ameaças ao eminente frade agostiniano. Alguns historiadores enxergaram na sua missão uma simples expressão de despeito dos seus companheiros de comunidade, em face da preferencia de Leão X encarregando os Dominicanos da pregação das indulgencias. A verdade, contudo, é que o humilde filho de Eisleben, tornara-se órgão da repulsa geral contra os abusos da igreja, no capítulo da imposição dogmatica e da extorsão pecuniaria. Os postulados de Lutero constituiram, antes de tudo, uma modalidade de combate aos absurdos romanos, sem representarem o caminho ideal para as verdades religiosas. Ao extremismo do abuso, respondia com o extremismo da intolerancia, prejudicando a sua propria doutrina. Mas, o seu esforço se corôou de notavel importancia, para os caminhos do porvir.

A Companhia de Jesus.

Uma onda de claridades novas felicitava todas as conciencias, mas os espiritos tenebrosos e pervertidos, que mostraram ao europeu outras modalidades da pôlvora, além daquelas que os chineses haviam enxergado na beleza dos fogos de artificio, inspiraram ao cérebro obsecado e doentio de Inácio de Loiola a fundação do jesuitismo, em 1534, com o fim de reprimir-se a liberdade das conciencias.

A igreja estendendo mão forte a essa idéia, inaugura um dos períodos mais tristes da historia occidental. O tribunal da inquisição, com poderes de vida e morte nos países catolicos, fez milhares e milhares de vítimas, ensobrando o caminho dos povos. Espetaculos sangrentos e detestaveis verificaram-se em quasi todas as grandes cidades da Europa, os autos-de-fé acenderam horrendas fogueiras do Santo Oficio, por toda a parte onde existis-

sem cerebros que pensassem e corações que sentissem. Instituiu-se a devassa de todas as organizações e a violação de todos os lares. Na Espanha, queimava-se o infeliz na praça pública; na França, uma pesada noite fazia pesadelos coletivos em matéria de fé; na Irlanda, muitos "fiéis" faziam questão de levar ao altar de Jesus a vela feita da gordura dos protestantes.

Ação do jesuitismo.

A Companhia de Jesus, de nefasta memória, não procurava conhecer os meios, para cogitar tão somente dos fins imorais a que se propunha.

Sua ação desdobrou-se por largos anos de treva, nos domínios da civilização ocidental, contribuindo amplamente para o atraso moral em que se encontra o "homem científico" dos tempos modernos.

Suas hordas de predominio, de cupidez e de ambição não martirizaram apenas o mundo secular. Também os padres sinceros sofreram largamente sob a sua preponderância nefasta. Tanto assim que, quando o papa Clemente XIV tentou extinguí-la, em 1773, com o seu breve "Dominus ac Redemptor", exclamava desolado: — "Assino minha sentença de morte, mas obedeço á minha consciencia". Com efeito, em setembro de 1774, o grande pontífice entregava a alma a Deus, no meio dos mais horrores padecimentos, vitimado por um veneno letal, que lhe apodreceu lentamente o corpo.

XXI

EPOCAS DE TRANSIÇÃO

As lutas da Reforma.

Debalde a Dieta de Worms, em 1521, condenara Lutero como herege, decretando a sua prisão em Wartburgo, porque as suas idéias libertárias acenderam uma nova luz, propagando-se com a rapidez de um incêndio.

A igreja começou a sofrer os golpes mais fortes e mais dolorosos, porque alguns príncipes ambiciosos aproveitaram-se do movimento das massas, confiscando-lhe bens preciosos. Numerosos camponeses empolgados pelos direitos do pensamento livre, iniciaram uma grande ação contra a igreja usurpadora, exigindo reformas agrárias e sociais, em nome do Evangelho.

De 1521 a 1555, os centros cultos europeus viveram momentos de angustiosas expectativas, nos bastidores da tragédia religiosa, mas depois da Concordata de Augsburgo, instituiu-se um regime da mais larga tolerância reciproca.

O direito do exame livre, porém, dividiu a Reforma em vários departamentos religiosos, de acordo com a orientação pessoal de seus pregadores, ou das conveniências políticas do meio em que viviam. Na Alemanha era o protestantismo, com os partidários dos princípios de Martinho Lutero; na Suíça e na França, era o calvinismo e